

Conversão proposta por Shultz divide os empresários

O empresariado se dividiu ante a proposta de transformação das dívidas externas dos países em desenvolvimento em capital de risco, ou seja, investimento na participação acionária de empresas dos estados devedores, feita segunda-feira passada em Brasília, pelo Secretário de Estado Americano, George Shultz, na 14ª Assembléia-Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA). Ao abrir a Assembléia-Geral, o Presidente João Figueiredo frisara que o peso do aumento da dívida externa havia se tornado insuportável.

Ontem, em São Paulo, o Presidente da Federação que congrega os industriais daquele Estado, Luís Eulálio de Bueno Vidigal Filho, considerou a proposta de conversão viável somente se os investimentos fossem feitos também nas estatais que devem alto ao exterior. Em Porto Alegre, o Presidente da Federação que reúne as indústrias gaúchas, Luís Octávio Vieira manifestou-se contra, afirmando que a recessão fez as empresas brasileiras ficarem frágeis ante o capital estrangeiro, e sentenciou:

— O que é bom para o senhor Shultz pode não ser bom para o Brasil.

Economistas ouvidos pelo GLOBO consideraram a proposta de Shultz "simplista", "uma maluquice completa" e uma "solução restrita". Na verdade, essa transformação vem sendo incentivada pelo Governo desde o início de 1983. Na prática, porém, ela só pode ser adotada se a inflação realmente cair, de acordo com o Presidente do Brasiinvest, Mário Garnero.



GEORGE SHULTZ

“Proponho que as dívidas externas dos países em desenvolvimento sejam transformadas em capital de risco.”

“A proposta é inviável: os bancos faliriam”

“Essa transformação, só com queda da inflação”



NIKOLAUS SENN

MÁRIO GARNERO

LUÍS EULÁLIO VIDIGAL

“Com participação nas estatais que devem, sim.”